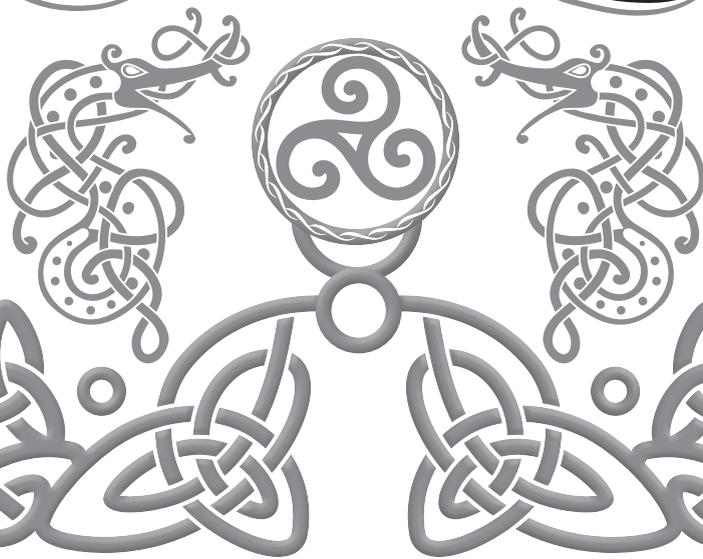
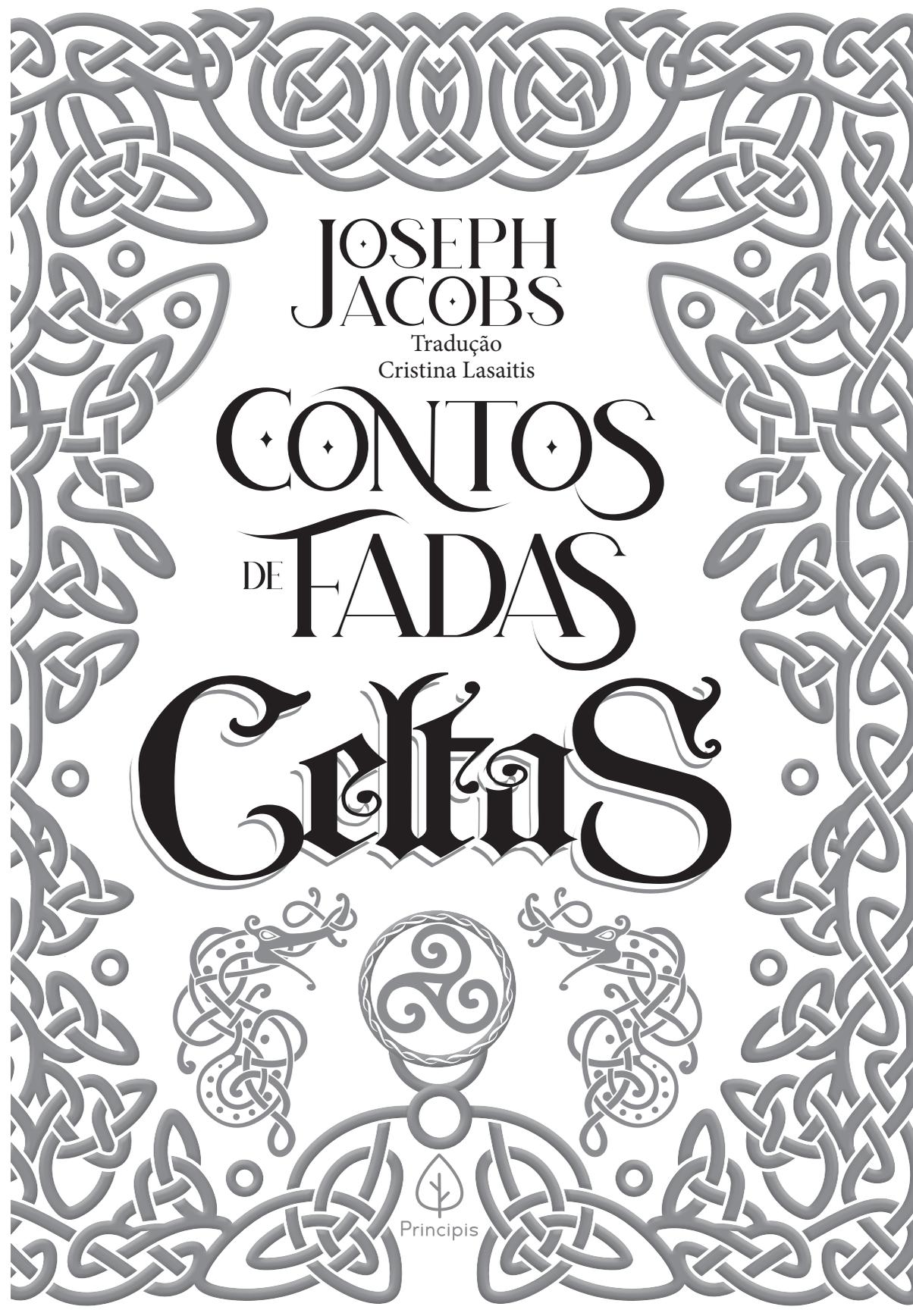


A dense, intricate border of grey Celtic knotwork surrounds the central text. The knotwork consists of various interlocking patterns, including circular and rectangular motifs with small circles and dots interspersed.

CONTOS
DE FADAS
Celtas





A decorative border of intricate Celtic knotwork surrounds the entire page. The knots are rendered in a light gray color, creating a complex, repeating pattern that frames the central text.

JOSEPH
JACOBS

Tradução
Cristina Lasaitis

CONTOS
DE FADAS

Celtas



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Celtic fairy tales

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
Joseph Jacobs

Diagramação
Linea Editora

Tradução
Cristina Lasaitis

Design de capa
Ciranda Cultural

Preparação
Mirtes Ugeda Coscodai

Imagens
bc21/shutterstock.com;
Gerasimov Sergei/shutterstock.com
Yulia Buchatskaya/shutterstock.com

Revisão
Fernanda R. Braga Simon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

J17c	Jacobs, Joseph
	Contos de fadas celtas / Joseph Jacobs ; traduzido por Cristina Lasaitis. - Jandira, SP : Principis, 2021. 192 p. ; 15,5cm x 22,6cm. – (Clássicos da literatura mundial)
	Tradução de: Celtic fairy tales ISBN: 978-65-5552-512-0
	1. Literatura inglesa. 2. Contos. 3. Contos de fadas. I. Lasaitis, Cristina. II. Título. III. Série.
2021-1707	CDD 823.91 CDU 821.111-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Contos 823.91
2. Literatura inglesa : Contos 821.111-3

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

Prefácio	11
Connla e a Fada Donzela.....	17
Guleesh	20
O campo do leprechaum	34
As mulheres com chifres	38
Conall Garra-Amarela	41
Hudden, Dudden e Donald O'Neary.....	51
O pastor de Myddvai.....	58
O alfaiate astucioso.....	61
A história de Deirdre	64
Munachar e Manachar	77
Árvore de Ouro e Árvore de Prata.....	82
O rei O'toole e sua gansa	86
O pretendente de Olwen.....	90
Jack e seus companheiros	100
Shee an Gannon e Gruagach Gaire	107
O contador de histórias em apuros	114
A sereia	124
Uma lenda de Knockmany.....	133
Bela, morena e trêmula.....	142
Jack e seu patrão	152

O túmulo de Gellert	160
A história de Ivan	162
Andrew Coffey.....	166
Batalha dos pássaros	170
Sopa na casca do ovo	183
O rapaz com pele de bode	185

*Diga isto três vezes, de olhos fechados:
Mothuighim boladh an Éireannaigh bhinn
bhreugaigh faoi m'fhóidín dúthaigh.
E você vai ver
O que vai ver.*

Para
ALFRED NUTT



Prefácio

No ano passado, ao dar aos jovens um volume de *Contos de fadas ingleses*, minha dificuldade havia sido conseguir compilá-los. Desta vez, ao oferecer amostras da rica fantasia folclórica dos celtas destas ilhas, meu problema tem sido selecioná-los. A Irlanda começou a coletar seus contos populares quase tão cedo quanto qualquer país da Europa, e Croker encontrou toda uma escola de sucessores em Carleton, Griffin, Kennedy, Curtin e Douglas Hyde. A Escócia tinha o grande nome de Campbell e ainda tem seguidores importantes em MacDougall, MacInnes, Carmichael, Macleod e Campbell de Tiree. O nobre País de Gales não tem um nome para figurar ao lado desses; nessa área, os Cymru mostraram menos vigor do que os Gaedhel. Talvez o Eisteddfod¹, ao oferecer prêmios pela compilação de contos populares galeses, possa corrigir essa desvantagem. Enquanto isso, o País de Gales deve se contentar em ser pouco representado entre os *Contos de fadas celtas*, enquanto a extinta língua da Cornualha contribuiu com apenas um conto.

Ao fazer minha seleção, tentei principalmente tornar as histórias mais peculiares. Teria sido fácil, especialmente para Kennedy, fazer um volume inteiro com “Duendes de Grimm” à moda celta. Mas, às vezes, mesmo

¹ Trata-se de um festival com competições de música e poesia que ocorre anualmente no País de Gales. (N.T.)

essas coisas boas podem ser excessivas; por essa razão, evitei tanto quanto possível as “fórmulas” mais conhecidas da literatura de contos populares. Para fazer isso, tive de me retirar da língua inglesa “pale”² dominante na Escócia e na Irlanda e estabeleci a regra de incluir apenas contos que foram obtidos de camponeses celtas que não sabiam inglês.

Tendo estabelecido a regra, imediatamente comecei a quebrá-la. Estou convencido de que o sucesso de um livro de contos de fadas depende da devida mistura do cômico com o romântico: Grimm e Asbjörnson conheciam esse segredo, e ninguém mais. Mas o camponês celta que fala gaélico tem o prazer de contar histórias com certa tristeza: na medida em que ele foi traduzido e publicado, eu o achei, para minha surpresa, visivelmente carente de humor. Para acrescentar alívio cômico a este livro, precisei, portanto, voltar-me principalmente para o camponês irlandês que fala a língua inglesa; e que fonte mais rica eu poderia ter?

Para as histórias mais românticas, dependi do gaélico e, como sei tanto gaélico quanto saberia um político nacionalista irlandês, tive que depender de tradutores. No entanto, ao alterar, recortar e modificar os contos originais, eu me senti mais livre do que os próprios tradutores, que geralmente são demasiado literais. E fui ainda mais longe. Para que os contos sejam peculiarmente celtas, prestei mais atenção aos que podem ser encontrados em ambos os lados do Canal do Norte.

Ao recontá-los, não tive nenhum escrúpulo ao acrescentar de vez em quando um incidente escocês em uma variante irlandesa da mesma história, ou vice-versa. Nos pontos em que tradutores acenam para os folcloristas e estudiosos ingleses, estou tentando atrair crianças inglesas. Eles traduziram, e eu me dediquei a transladar. Em suma, tentei me colocar na posição de um *ollamh* ou *sheenachie* familiarizado com as duas formas do gaélico e ansioso para formular suas histórias da melhor maneira para atrair as crianças inglesas. Acredito que serei perdoado pelos estudiosos celtas pelas mudanças que tive de fazer para atender essa finalidade.

As histórias coletadas neste volume são mais longas e detalhadas do que as inglesas que reuni no Natal passado. As românticas são certamente mais

² Referente aos irlandeses sob a colonização inglesa. (N.T.)

românticas, e as cômicas, talvez mais cômicas, embora possa haver espaço para diferenças de opinião sobre este último ponto. Essa superioridade dos contos folclóricos celtas se deve tanto às condições em que foram coletados quanto a qualquer superioridade inata da imaginação popular. O conto popular na Inglaterra está nos últimos estágios de exaustão. Os contos folclóricos celtas foram coletados enquanto a prática de contar histórias ainda está em pleno vigor, embora haja todos os sinais de que sua vida já esteja com os dias contados. Esse é mais um motivo pelo qual eles devem ser coletados e registrados enquanto é tempo. De modo geral, o esforço dos colecionadores de folclore celta deve ser elogiado.

Embora tenha me empenhado em tornar a linguagem dos contos simples e livre de artifícios livrescos, não me atribuí a liberdade de recontá-los à maneira inglesa. Não tive escrúpulos em manter uma forma de falar celta e, aqui e acolá, incluir uma palavra celta sem uma explicação entre colchetes, uma prática a ser repudiada por todos os bons homens. Algumas palavras desconhecidas do leitor apenas acrescentam efetividade e cor local a uma narrativa, como o senhor Kipling bem sabe.

Há uma característica do folclore celta que me esforcei para representar em minha seleção, porque é quase única atualmente na Europa. Em nenhum outro lugar existe um legado tão grande e consistente de tradição oral sobre os heróis nacionais e míticos como entre os gaélicos. Apenas as canções heroicas da Rússia podem igualar-se à quantidade de conhecimento sobre os heróis do passado que ainda existe entre os camponeses de língua gaélica da Escócia e da Irlanda. E os contos e baladas irlandeses têm essa peculiaridade: alguns deles sobrevivem, e podem ser rastreados, por quase mil anos. Selecionei como um espécime dessa categoria “A história de Deirdre”, coletada entre os camponeses escoceses há alguns anos, na qual pude inserir uma passagem retirada de um pergaminho irlandês do século XII. Eu poderia ter preenchido este livro com tradições orais semelhantes sobre Fin (o Fingal de “Ossian”, de Macpherson). Mas a história de Fin, contada pelos camponeses gaélicos de hoje, merece um volume à parte, enquanto as aventuras do herói ultoniano, Cuchulain, poderiam facilmente preencher outro.

Esforcei-me para incluir neste livro as melhores e mais típicas histórias contadas pelos principais mestres do conto popular celta, Campbell, Kennedy, Hyde e Curtin, e a elas acrescentei os melhores contos obtidos de outros lugares. Assim, espero ter reunido um volume contendo os melhores e mais conhecidos contos populares celtas. Só fui capaz de fazer isso graças à cortesia daqueles que possuíam os direitos autorais dessas histórias. Lady Wilde gentilmente me cedeu o uso de sua versão de “As mulheres com chifres”; e tenho que agradecer especialmente aos senhores Macmillan pelo direito de usar as *Ficções lendárias* de Kennedy, e aos senhores Sampson Low & Co., pelo uso dos *Contos* do senhor Curtin.

Ao fazer minha seleção, e em todos os pontos de tratamento em que pesavam dúvidas, tive acesso ao amplo conhecimento de meu amigo, senhor Alfred Nutt, em todos os ramos do folclore celta. Se este livro faz um esforço para transmitir às crianças inglesas a visão, a cor, a magia e o encanto do imaginário popular celta, isso se deve em grande parte ao cuidado com que o senhor Nutt acompanhou sua produção desde o início. Em sua companhia, eu poderia me aventurar em regiões onde um não celta teria que vaguear por sua própria conta e risco.

Por último, devo mais uma vez me alegrar por ter tido o auxílio de meu amigo, o senhor J. D. Batten, para dar forma às criações da fantasia popular. Ele empregou em suas ilustrações o máximo possível da ornamentação celta; e para todos os detalhes da arqueologia celta, ele é uma autoridade. Ainda assim, tanto ele quanto eu temos nos esforçado para dar às coisas celtas a aparência que elas têm para atrair a mente inglesa, em vez de lançar mão à tarefa inútil de representá-las como devem parecer para os celtas. O destino dos celtas no Império Britânico parece ser semelhante ao dos gregos em relação aos romanos. “Eles iam para a batalha, mas sempre eram derrotados”; entretanto, o cativo celta escravizou seu captor no reino da imaginação. O presente livro tenta iniciar esse agradável cativo a partir dos primeiros anos. Se conseguir dar um terreno comum de riqueza imaginativa aos filhos dos celtas e dos saxões dessas ilhas, poderá fazer mais por uma verdadeira união de corações do que toda a sua política.

Homem ou mulher,
menino ou menina
que ler três vezes
o que vem a seguir
cairá em sono por
cem anos.